

A SUA MORTE É A MORTE

Eduardo Pellejero



Imagens | José Fernandes
(Detalhe: Cabeça 1, 2014, acrílica s/ tela)

Polichinello

Orson Scott Card dizia que era necessário distinguir entre o horror, o espanto e o terror. “O espanto é a tensão pela qual sabemos que devemos temer algo que ainda não identificamos. O terror se produz quando vemos o que tememos. O horror é o rasto que fica depois de que acontece o que temíamos.” Nas imagens de Goya sobre a guerra, os rastos do terror gravados no profundo horror dos olhares suscitam em nós um espanto difícil de dominar, mesmo quando nos separem séculos das guerras napoleónicas, porque o seu objeto não é a representação de uma tragédia particular, mas um apelo aos que olham, para que não volte a acontecer. (Mas acontece, não deixa de acontecer, acontece o tempo todo, e cada vez é mais difícil sobrepor-se ao estrondo das bombas, ao rumor incessante dos mercados e ao silêncio arrepiante dos meios de comunicação.)

* * *

- Por que você desviou o olhar quando a morte do pombo era inevitável, S.?
- Você sabe que necessitava ver, Eduardo.
- Sim, mas porquê assim, até o final?
- Você acha que se desviasse o olhar mudaria alguma coisa?
- Não doeria tanto, suponho.
- Doer, já não dói. Não se preocupe.
- Eu, pelo contrário, não posso deixar de ver essa dor no seu olhar.
- Todos somos iguais perante a dor e a morte.
- Mas eu não me atrevi a ver, eu desviei o olhar.
- ...
- Não saberia o que fazer com isso. Acho que ficaria louco.
- Como Marguerite Duras.
- ...
- Talvez se não estivesse comigo, se não estivesse preocupado de que eu não olhasse, teria olhado sem medo. Quiçá até teria escrito sobre isso.
- Não sei. Às vezes sinto que escrevo para não ter que ver.
- Mas me vê a mim, verdade? Vê a dor no meu olhar, e não desvia a vista, desta dor comum ao pombo, à escrita e a mim.
- Não me diga que agora vai me fazer escrever sobre o pombo!
- Morreu sem dor, disse você. Lembra?
- Não é certo.
- Claro, disse: “pelo menos foi rápido, não deve ter sentido nada”.

– Não, digo que a dor continua, que a morte continua, que não nos deixa.
– ...
– ...
– Hoje morreram mais trinta e cinco africanos na costa de Lampedusa.
– ...
– Igual que o pombo. Ninguém viu. É como se os tivesse tragado o mar.

* * *

Duras diz que houve uma época em que passava muito tempo sozinha em casa, numa solidão tão grande que podia pressentir a loucura. Um dia viu uma mosca agonizando na parede. Não foi algo rápido. Duras sentou-se no chão e ficou quieta. Não queria assustá-la. Por momentos alentava uma vã esperança de que a mosca se recuperasse, de que pudesse viver, não podia fazer mais, é impossível ajudar uma mosca nessas circunstâncias. Ao mesmo tempo, é improvável que a sua companhia oferecesse algum consolo à mosca, que não é bicho de sentimentos. Nem essas nem outras considerações possíveis fizeram retroceder Duras, que permaneceu aí até ao final, resistindo ao desejo de fugir. Sabia que devia olhar. A morte de uma mosca, escreveu, é a morte: a de um cachorro, a de um cavalo, a dos judeus, a do proletariado, a de todas as guerras. A morte daquela mosca comum, “aquela rainha negra e azul”.

* * *

Durante o último ano, mais de três mil pessoas morreram afogadas nas águas do Mediterrâneo. Homens e mulheres e crianças que escapavam da fome e da violência, da miséria e da guerra, cada um escapando do seu inferno particular, procurando uma vida – não *uma vida melhor*, apenas *uma vida*. Das costas de Turquia continuam fazendo-se ao mar, em embarcações precárias e sobrecarregadas, que naufragam com uma frequência espantosa. Vêm por vezes de muito longe, se diria que de outro mundo, mas estão feitos da mesma substância da que está feito cada um de nós. *A sua morte é a morte*, mesmo que não digamos nada, não demos constância de nada, mesmo que olhemos para outro lado.

Os números são terríveis, mas são apenas isso: números. As imagens que, sem ênfase, resgatam fugazmente os jornais e a televisão, acompanhadas sistematicamente dos dados da imigração na Europa, também não fazem a menor diferença. Uns e outras dão lugar de imediato a discussões que não guardam a menor relação com a tragédia que aí tem lugar: o Mediterrâneo convertendo-se numa fossa comum. Ninguém quer saber. Depois de tudo, o problema não parece ter solução. Melhor não se preocupar.

Em 1969, Harun Farocki produzia *Fogo inextinguível*, um estranho filme no qual se perguntava como era possível fazer com que a sociedade da sua época abrisse os olhos para a guerra do Vietnã; como mostrar o napalm, por exemplo, sem que o público desvie o olhar ou se recuse a ouvir, esquecendo-se de imediato do assunto. O filme começa com a carta de um jovem vietnamita de vinte anos, Thai Binh Dahn, quem escreve que na tarde do 31 de Março de 1966, enquanto se encontrava lavando a loiça, uma incursão aérea norte-americana sobrevoara a sua aldeia, arrojando bombas de napalm, uma das quais acabou por cair muito perto dele, queimando-lhe o rosto, os braços e as pernas. Ato contínuo, Farocki oferece *uma débil demonstração de como funciona o napalm*, se infringindo uma queimadura de cigarro no braço, um gesto inesperado e chocante que, espera, nos force a abrir os olhos para o que vem a seguir, que é a exploração da *aterrorizante economia do napalm*. Num ensaio recente, Didi-Huberman mostrou, de forma aguda e original, o modo em que essa queimadura metonímica é capaz de desarticular as defesas e a má vontade naqueles que não querem saber, naqueles que prefeririam não ver. Há um detalhe, em todo o caso, que quiçá não passe despercebido: antes que caíssem as bombas, Thai estava lavando a loiça. Essa imagem, de uma cotidianidade que dificilmente encontre lugar na nossa imaginação quando escutamos notícias de uma guerra distante, nos intima, nos desarma, nos deixa expostos. Quase posso imaginá-lo, quero dizer, *pôr-me no seu lugar* (mesmo quando tente evitá-lo, algumas vezes lavo a loiça). Logo, não estranha que, ao arder, a imagem do cigarro me queime na pele (e o cigarro arde apenas a 400 graus, enquanto o napalm chega aos 2000 graus).

Como fazer para sentir o que se passa no Mediterrâneo, para deixar que nos afete? Que imagem será capaz de fazer com que abramos os olhos, que despertemos a nossa empatia e a nossa sensibilidade, que apelemos ao nosso compromisso e à nossa responsabilidade? Carmen me dizia que haveria que conhecer esses rostos, antes que, inchados e carcomidos pela corrupção, venham dar à costa italiana. Mostrá-los, na imagem dos que cruzaram e viveram, ou na dos que ficaram, na dos que os viram partir, para ter uma

noção do que é e significa que tenham morrido dessa forma, para entender o que é e significa que sigamos deixando que morram dessa forma.

Enquanto continuemos a reduzir tudo a questões legais e demográficas, enquanto continuemos a falar de imigrantes ilegais e de clandestinos, enquanto continuemos aludindo taxas de desemprego e rombos na segurança social, nada do que possa ter acontecido ou possa vir a acontecer terá uma existência autêntica, uma realidade efetiva, e a gente continuará morrendo. Roberto Saviano escreveu: “Repete uma história todos os dias, com as mesmas palavras, com o mesmo tom, e lograrás que já não se escute. Essa história não receberá atenção, parecerá a mesma de sempre. Será a mesma de sempre.”

Entretanto, as instituições reduzem tudo o que passou e continua a passar a uma mera questão de cálculo, como se fosse possível calcular o custo de salvar uma vida sem abdicar, por esse gesto, da nossa humanidade. Ninguém pode *de direito* estabelecer o que uma vida vale, mesmo se *de fato* esse cálculo é realizado cotidianamente, e não só na administração das fronteiras. Nessa nova forma da banalidade do mal, que desperta tantos ecos do holocausto, e não nos fantasmas do mal radical que agitam os governos, radica o nosso maior desafio. Os limites da nossa imaginação para articular uma solução política não podem endurecer a nossa sensibilidade nem assombrar o nosso entendimento. Algo tem que mudar. Não é possível continuar a viver deste modo.

Quando na Europa me perguntam como é a vida no Brasil, e falo dos enormes problemas com os quais nos enfrentamos (problemas de discriminação e de indigência, de marginalidade e de violência), a reação mais comum nos meus amigos europeus é confessar-me que não seriam capazes de viver num lugar assim, no qual não pudessem andar pela rua com tranquilidade ou sair à janela sem deparar-se com o espetáculo da miséria. Compreendo-os perfeitamente. Ninguém pode viver num lugar assim, pelo menos não sem fazer algo, sem exigir justiça, sem comprometer-se de alguma forma para que as coisas mudem. Nem no Brasil nem em nenhuma parte. Os corpos que vão a dar às costas do Mediterrâneo cada dia, gastos e desfigurados pela corrente, começam a fazer da Europa um lugar assim.

¹ *A sua morte é a morte* é um fragmento de *O que vi*, o próximo livro de Eduardo Pellejero.

Eduardo Pellejero. Professor do Departamento de Filosofia da UFRN. Autor de Mil cenários: Deleuze e a (in)atualidade da filosofia (Edufrn, 2014). A postulação da realidade - Filosofia, literatura, política (Vendaval, 2009)
